



ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO ESCRITA E ORAL

Antônio de Arruda

Magistrado e Professor de Introdução à Ciência do Direito da Universidade Federal de Mato Grosso. Faz parte da Junta Consultiva da Escola Superior de Guerra.

1 - INTRODUÇÃO

O tema que iremos versar está intimamente ligado ao Processo de Comunicação, mas sobre este não pretendemos descer a pormenores. Gostaríamos apenas de frisar que dos elementos fundamentais da Comunicação — a fonte, o destinatário, a mensagem e o meio — assumem especial relevo o destinatário e a mensagem.

O destinatário é a pessoa ou público a que visa a Comunicação e determina o sentido da mensagem. Nenhuma Comunicação será eficaz se não levar na devida conta o público a que tem em vista. Já foi observado que, quando Gonçalves Dias registrou, na Canção do Exílio, que "as aves que aqui gorgeariam não gorgeariam como lá", estava certo. O ouvinte, no caso, é outro, pertence a um ambiente diverso. A comunicabilidade se perdeu.

Ocorre o mesmo na elaboração da linguagem, que deve atender ao público a que se destina. Quem escreve um livro ou pronuncia um discurso não terá êxito se descurar dos que vão lê-lo ou ouvi-lo, assim como das reações com que receberão a mensagem.

A característica fundamental da mensagem é a clareza, sem o que se dilui seu sentido como o da própria comunicação.¹

1 — Desta característica decorre uma das regras da propaganda e também da publicidade — que é a da simplificação. Para ser eficaz, deve a propaganda resumir a idéia divulgada em fórmulas claras e simples, inclusive através de "slogans". Completa essa regra a da orquestração, ou seja a repetição da mesma idéia com o uso de variantes oportunas e de meios diversos de divulgação. Ver, a propósito, Jean-Marie Domenach — *La Propagande Politique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1955; e João Camilo de O. Torres, *da Propaganda Política*, Belo Horizonte, Univ. de Minas Gerais, 1959.

Na mensagem, o veículo básico é a linguagem, expressa por símbolos verbais ou não. Às vezes, os gestos são tão sugestivos como as palavras. Até o silêncio — o silêncio significativo — quando apropriado pode adquirir imensa força comunicadora.

Por outro lado, ao dirigir-nos a alguém, temos em mente obter algo. Aristóteles já dizia que a função da retórica é persuadir, enquanto para Cícero o perfeito orador é aquele que instrui, encanta e comove seu auditório.

Aí está a essência da Comunicação, cujos objetivos, no consenso dos autores, são: informar, persuadir e divertir. "Nós nos comunicamos para influenciar — para afetar com intenção" (David Berlo).²

Para completar os princípios essenciais da Teoria da Comunicação, que interessam ao nosso tema, mencionaremos ainda alguns Mandamentos da Boa Comunicação, segundo uma equipe do "American Management Association":

- Antes de comunicar, procure ter idéias claras.
- Examine a verdadeira intenção de cada comunicação.
- Considere a totalidade do ambiente físico e humano enquanto comunica.
- Enquanto comunica, cuide em acentuar o conteúdo básico de sua mensagem.
- Aproveite as oportunidades de levar ao ouvinte qualquer coisa de valor ou que o ajude.
- Siga de perto os efeitos de sua comunicação.
- Assegure-se de que suas ações apoiem suas palavras.
- Procure não só ser compreendido mas compreender — seja um bom ouvinte.³

2 — A EXPOSIÇÃO ESCRITA

Múltiplas são as formas de exposição escrita, desde o simples relatório até as mais requintadas expressões literárias. Cada uma delas terá peculiaridades específicas, em função do meio e também do estilo, que é o tratamento dado pelo autor ao tema. É feição tipicamente individual, porque o estilo é resultante de seleção, de processo pessoal do escritor, em suma, para usar a fórmula de Buffon, o estilo é o próprio homem.

Inúmeras são as variáveis que podem condicionar a exposição. Não cabe aqui pormenorizá-las. Mas há alguns cuidados que servem a todas e merecem ser lembrados.

- 2 — David Berlo, o Processo da Comunicação, trad. de J. Arruda Fortes, Rio, Ed. Fundo de Cultura, 1963.
- 3 — Apud A.C. Leyton, A Arte de Comunicar, págs. 47/51, trad. de Mário Fonseca, Porto, Livr. Civilização Edit., 1970.

Em primeiro lugar, o expositor precisa conhecer o assunto ou, pelo menos, submetê-lo a um preparo prévio. Deve empreender amplas pesquisas, com a consulta a autores que já versaram o tema. A experiência vai ensinando ao neófito que nem sempre é necessária a leitura integral da obra consultada, bastando-lhe recolher os dados que se ligam mais diretamente ao tema.

Na elaboração do tema, é preciso também levar em conta as normas de redação já consagradas, como o cuidado na escolha das palavras. Está nesse caso a evitando repetição das mesmas ou de palavras semelhantes, muito próximas umas das outras, a não ser que se queira dar ênfase a determinada idéia. Deve-se ainda fugir das rimas, sobretudo as estridentes (em *ão*, *ento*, etc.), dos cacófatos ou mesmo do encontro de sons análogos (escrito torpe, lado do sol), embora se deva reconhecer que estes últimos nem sempre são facilmente evitáveis.

Outro ponto a ter em vista é o que concerne ao uso de neologismos, de termos estrangeiros ou de formas arcaicas. Neste particular, é imprescindível pedir a ajuda de bons dicionários e a dos mestres da língua.

Feitas essas advertências, de caráter meramente exemplificativo, vejamos as características comuns à exposição escrita, especialmente à de natureza didática ou científica.

2.1 — Características da Exposição Escrita

2.1.1 — Estrutura

Desde Aristóteles se diz que todo discurso comporta três fases: exórdio, narração e peroração. Ou, por outras palavras: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Essa estrutura serve para qualquer espécie de exposição. É claro que, nos escritos breves, não há lugar para essa divisão. Entra-se direto no assunto, sem mais preâmbulos. Admite-se também o discurso ex-abrupto, sem introdução, quando se quer produzir impacto. Foi o que fez Cícero, na 1ª Catilinária, que começa com a famosa e imprevista interpelação: — Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?...

Na introdução, o expositor procura afinar-se com o seu público, captando-lhe a simpatia e a confiança. Mostra ele ainda, em termos incisivos, o objetivo que tem em vista e o que pretende aduzir.

No desenvolvimento do tema, as idéias devem ser expostas em seqüência lógica e, quando for o caso, cronológica. Nada mais enfadonho do que o expositor que embaralha os dados, que sai e retorna ao mesmo ponto.

Os bons escritores, quando descrevem uma casa, por exemplo, começam pela parte externa e daí vão caminhando interior a dentro, restringindo-se aos aspectos mais significativos de cada compartimento.

Na enumeração dos fatos, considerem-se o passado, o presente e as perspectivas futuras. Na análise dos fatores que possam interferir no assunto, pesquisem-se os positivos e negativos, nos campos econômico, político, psicossocial, etc.

O expositor, se preferir, pode apresentar o seu tema sob a forma de um ou mais problemas a resolver. Neste caso, reunirá os desafios ou os aspectos fundamentais dos problemas levantados, oferecendo-lhes as possíveis soluções.

Nas enumerações, convém agrupar os fatos afins, do mesmo modo que as palavras serão alinhadas segundo o seu grau de importância ou de abrangência. Dir-se-á: "Pela Pátria sacrificarei os meus bens, o meu futuro e a própria vida". Ou, como neste passo de Vieira: "... que com a voz, com o gesto e com as ações havia de fazer em pó e em cinza os vícios".⁴

No desenvolvimento da exposição, é útil ter em mente o esquema dos repórteres, na elaboração de seus tópicos e artigos:

- O que? (a ação)
- Quem? (o protagonista)
- Onde? (o lugar)
- Quando? (a época)
- Porque? (a causa)
- Como? (a maneira)
- Com que? (os meios).

A conclusão, que deve ser sintética, prende-se geralmente ao objetivo do tema, que o expositor ressaltará. Pode ele também destacar os pontos essenciais do tema e enumerá-los em traços largos e sucintos. Alguns costumam concluir com uma citação que, se oportuna, produzirá excelente efeito.

Em suma, a estrutura da exposição cabe na receita de um Deputado irlandês: - "Em primeiro lugar, diga-lhes o que tem a dizer; em segundo lugar, diga-o; finalmente, diga-lhes o que lhes disse".

2.1.2 - Objetividade

No sermão da Sexagésima, tido como um verdadeiro manual da arte de escrever, afirmava o Padre Vieira que o sermão deve ter um só assunto e uma só matéria. Comparando o sermão a uma árvore, acrescentava Vieira que ele deve ter raízes, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, que é o assunto e a matéria versada; deste tronco nascem os ramos, que são as descrições diversas, mas

4 - Apud Afrânio Peixoto, Os Melhores Sermões de Vieira, pág. 45, Rio, Edit. Guanabara, 2ª ed.

riundas do assunto e continuadas nele. Essa árvore deve ter varas, que são as representações dos vícios; flores, que são as sentenças, e frutos, como o remate de tudo.⁵

O símile de Vieira vale para qualquer exposição. Deve haver nela um tema e um só tema. Tudo o que se disser há de convergir para esse tema. Os pormenores devem ser relevantes e cingir-se ao que possa ressaltar os objetivos visados na exposição. É claro que pode haver desdobramentos do tema em itens e subitens, mas sem perder de vista o contexto.

A objetividade importa, pois, em evitar todas as digressões que não concorram para o esclarecimento ou a valorização do tema.

1.3 — Precisão e Clareza

Escrever bem não é mais do que pensar bem. Entra-se, pois, no domínio da lógica, cujos recursos não podem ser desprezados pelo expositor.

Caimos na já citada característica básica da mensagem — e, portanto, da comunicação — que é a clareza.

Tudo se resume em dominar o pensamento pelo domínio da linguagem. A força é atentar para o sentido das palavras e é aqui que surgem as dificuldades. As palavras, em geral, são polissêmicas, isto é, têm muitos sentidos. Segundo o novo dicionário do Aurélio, o verbo fazer tem 46 significados e o substantivo mão 26, para as locuções em que entram esses vocábulos.

No campo do Direito, a polissemia é a maior responsável pelas controvérsias na interpretação da lei. O antigo Código de Processo Civil, por exemplo, punia com a absolvição da instância o autor da ação que deixasse de *promover* o andamento do processo, durante mais de 30 dias. Mas que significa *promover*? Será apenas requerer, propor, ou fazer que se execute alguma coisa? No caso, *promover* seria requerer o andamento do processo, que, às vezes, independe das partes, ou fazer com que ele, de fato, se movimente? Adotando um ou outro desses entendimentos — ambos gramaticalmente válidos — os juízes vacilaram muito tempo na aplicação da referida penalidade.

Em face dessa múltipla variação dos significados, como encontrar a palavra justa? O problema reside na formação do contexto, cuja idéia geral deve presidir o emprego dos vocábulos. O autor precavido procederá de tal modo que o sentido ressurja iniludivelmente do texto.

É difícil dar regras sobre precisão e clareza da linguagem. Geralmente, é de se preferir o substantivo concreto ao abstrato e a voz ativa à passiva. Também, cabe evitar o uso indiscriminado de termos meramente avaliativos, que não expressam um sentido especial, mas uma declaração de atitudes. A avaliação só é perfeita e cabível, quando decorre de fatos certos ou prováveis, ou de circunstâncias existentes.

— Vieira, Sermões, págs. 20/1, Vol. 1, Porto, Lello, 1945.

Para finalizar este item, mencionaremos alguns dos erros mais comuns de redação, segundo Leyton:⁶

- Omissão de tópicos importantes.
- Desenvolvimento incompleto de um tópico.
- Inclusão de pormenores inúteis ou aborrecidos.
- Frases longas e redação complicada.
- Falta de clareza — frase que exige ser relida para ser compreendida.
- Verbosez e prolixidade — falha em não ir direto ao assunto.
- Expressões fracas, insípidas ou deselegantes.
- Repetição desnecessária de palavras ou da mesma estrutura da frase.
- Linguagem técnica desnecessária ou palavras excessivamente estranhas numa frase simples.

2.1.4 — Concisão

Napoleão dizia: "A arte da guerra é uma ciência em que nada sucede que não tenha sido calculado e refletidamente meditado".

Esse aforismo transcende a arte da guerra e encontra perfeita aplicação na arte de escrever. A concisão do estilo reflete o amadurecimento das idéias e imprime maior vigor à comunicação.

Lembremo-nos como um mestre da palavra, Winston Churchill, se serviu de frases concisas, que se transformaram em verdadeiros "slogans", e não perdem o sabor, mesmo traduzidas:

"Só lhes posso oferecer sangue, suor e lágrimas". "De Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o Continente."

Observe-se ainda a sabedoria dos adágios, que concentram pensamentos cristalizados pelo tempo:

- A bodas e a batizado não vá sem ser convidado.
- De noite todos os gatos são pardos.
- Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.
- O ignorante, como a candeia, a si se queima e aos outros alumieja.
- De médico e de louco todos têm um pouco.

Trata-se, nestes casos, do chamado período tenso, que retrata a beleza da forma e a clareza das idéias, em contraste com o período lasso, peculiar ao estilo descuidado.

Há uma norma que recomenda contenha a oração principal a idéia predominante do período, segundo o ponto de vista em que se coloca o autor. Quanto à

6 — A.C. Leyton, ob cit., pág. 169.

posição, os termos ou orações a que se queira dar maior ênfase devem ocupar as extremidades do período. Forma-se, assim, uma corrente de idéias, em que as palavras se encadeiam de tal modo, que o sentido se completa no fecho do circuito. Esse é o segredo do período tenso, ao passo que, no período lasso, não há circuito, pois o pensamento se completa antes de terminar o período.⁷

Como exemplos de período tenso, mencionaremos os seguintes trechos de Rebelo da Silva, tirados de sua antológica narrativa "Última Corrida de Touros":⁸

"Um rugido tremendo, uma aclamação imensa do anfiteatro inteiro, e as vozes trunfais das trombetas e charamelas encerraram esta sorte brilhante."

"De repente, um silêncio em que se conglobavam milhares de agonia, emudeceu o circo."

"Nesse momento, os espectadores olhando para a tribuna real estremeceram."

3 – A EXPOSIÇÃO ORAL

Quando um trabalho é feito para ser exposto oralmente, surgem novos cuidados, no que se refere à apresentação. Deixemos de lado as leituras completamente informais ou breves discursos de ocasião. Vamos cingir-nos à exposição *expressiva*, que não se limita à simples leitura, mas tem em vista ainda traduzir emoções ou sentimentos experimentados pelo escritor. Para isso, há algumas exigências, que procuraremos sintetizar.

3.1 – A Postura

O inimigo inicial a vencer, numa exposição, é o medo, a tensão nervosa. A isso não escapam nem mesmo os grandes oradores e artistas.

Conta-se de Sarah Bernhardt que, pouco antes de espetáculo de gala, se queixava a um grupo de atores:

— É horrível! Sinto-me trêmula da cabeça aos pés.

Uma jovem atriz, que a ouvia, comentou:

— Pois eu nada sinto!

Ao que a grande artista retrucou ironicamente:

— Bem, espere quando lhe chegar o talento, que você se sentirá como eu...

A postura deve ser sóbria, sem afetações, trejeitos ou perambulações excessivas. Uma atitude de entusiasmo e de convicção no que vai dizer ajuda o expositor neófito.

7 — Othon M. Garcia, *Comunicação em Prosa Moderna*, págs. 40/44, Rio, Biblioteca do Exército, 1969.

8 — Apud Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, págs. 137, 138 e 143, 1ª ed., Rio, Tip. Bernard Frères, 1919.

3.2 — Articulação Perfeita das Palavras

Trata-se de cuidado óbvio que deve ser observado na conversação e, com muito mais rigor, nos discursos formais. É preciso cautela contra os vícios da fala, especialmente:

- 1 — Com a troca de consoantes (soldado por soldado).
- 2 — Com a supressão de consoante no meio ou no final das palavras (problema, dizê, perguntá...).
- 3 — Com a confusão de parônimos: fluir (correr) e fruir (apreciar); infligir (cominar, aplicar) e infringir (violar, desrespeitar).⁹

Já no encadeamento dos vocábulos, é lícita e até aconselhável a elisão de sons: esta amável (estamável); trinta anos (trintanos).

Outro cuidado relaciona-se com a respiração, que demanda treinamento especial. Recomenda-se que a aspiração do ar seja feita nas pequenas pausas, aproveitando-se os sinais da pontuação.

3.3 — O Tom: Cadência da Frase

O tom liga-se à altura da voz e determina a cadência da frase. Isto significa que a voz deve ser dosada, ora mais alta, ora mais baixa, a fim de se fugir à monotonia. Monótono, justamente, seria em sua origem o tom único, que, por desagradar a quem o ouve, passou a ter o sentido de fastidioso, enfadonho.

Neste ponto, não há regras fixas, a não ser a seguinte: deve o expositor evitar a balbuciência, que poderá prejudicar a compreensão das palavras, assim como os gritos que atordoam. É evidente que, se o discurso é feito em comício, em grande recinto, o orador será obrigado a alterar a voz para que seja ouvido de todos.

3.4 — Interpretação do Texto — Palavras de Valor

A exposição é um trabalho de inteligência, em que o orador procurará vivificar as idéias contidas no texto, através do tom com que as enuncia.

Força é dar à exposição uma seqüência condicionada à disposição das palavras no período, de modo a formarem um conjunto lógico. Servindo-se dos sinais de pontuação ou de grupos de palavras que se podem aglutinar, o orador dará fluência ao discurso, para que não se torne desarticulado.

Supõe-se que, antes da dissertação, o autor já tenha analisado cuidadosamente o seu trabalho e destacado, em cada período, as palavras de valor, isto é, as

⁹ — Podem parecer dispensáveis recomendações deste jaez. Mas, na realidade, vêm-se personalidades ilustres, quando discursando ou entrevistadas na televisão, se deixarem trair por maneiras descuidadas de falar, que exprimem, às vezes, modismos regionais inelutáveis.

que exprimam as idéias básicas, que conferem maior energia à frase. É conveniente que tais palavras sejam grifadas, de antemão, para que lhes dê o orador, na leitura, a ênfase necessária.

Na seleção das palavras de valor, há muito de subjetivo e pessoal, não sendo fácil o estabelecimento de critérios rígidos a esse respeito. No entanto, casos há em que a escolha se impõe naturalmente.

Assim, nas antíteses, é claro que se devem assinalar as palavras antitéticas, em que se concentram as idéias dominantes. É o que se vê no seguinte exemplo de D. Aquino Corrêa:

"De que vale um corpo *sadio* numa alma *sandia*?"¹⁰

"Se os olhos vêm com *amor*, o corvo é *branco*; se com *ódio*, o cisne é *negro*; se com *amor*, o demônio é *formoso*; se com *ódio*, o anjo é *feio*; se com *amor*, o pigmeu é *gigante*; se com *ódio*, o gigante é *pigmeu* . . ."¹¹

Cabe mencionar também, a propósito, a seguinte passagem de Pierre Dicos, divulgada em textos da Escola Superior de Guerra: — "A Democracia já não deve dizer aos que a difamam: '*Concedo-vos*, em nome dos *meus* princípios, a liberdade que me negaríeis, em nome dos *vossos*'; mas sim: '*nego-vos*, em nome dos *vossos* princípios, a liberdade que me solicitais, em nome dos *meus*'".

Erro grave é dar ênfase a palavras acessórias da frase o que se transforma em maneirismo: (e, mas, porém . . .).

Ainda neste item, cabe frisar que a ênfase dada a uma ou outra palavra ou expressão pode até modificar o significado do texto, ou pelo menos dar-lhe matizes diversos. Como exemplo, recordaríamos aquela velha historietta do pai que recebe telegrama do filho e comenta, contrariado, com a esposa:

— Veja só como diz este maroto: "*Mande* dinheiro". É assim que um filho se dirige ao pai? Não mandarei coisa nenhuma . . .

Mas a mulher, compassiva, acalmou-o:

— Veja bem, ele não diz: "*Mande* dinheiro" (autoritário), e sim: "*Mande* dinheiro" (com brandura).

Em suma, a ênfase a ser dada às palavras depende muito da oportunidade e do estilo pessoal do expositor. Alguns chegam à impositação permanente da voz, caminho cheio de escolhos, que pode levar ao pedantismo.

3.5 — Velocidade da Voz

A velocidade da voz há de ser equilibrada: não se deve falar nem muito devagar, nem muito depressa. Em ambos os casos, a assistência costuma perder o estímulo para acompanhar o orador.

10 — D. Aquino Corrêa, Discursos, 2ª vol., pág. 357.

11 — Apud Othon M. Garcia, ob. cit., pág. 71.

A velocidade da voz ajusta-se ainda às emoções que se deseja exprimir. Quando se fala em entusiasmo, em progresso, por exemplo, a voz será mais rápida, enquanto que se tornará mais velada se trata de assuntos comoventes, lúgubres, etc.

Cabe aqui transcrever os famosos conselhos de um Mestre—Antônio Feliciano de Castilho — sobre declamação, adaptáveis a qualquer discurso, desde que usados com discrição. Disse Castilho que recitar versos não deve ser medi-los nem contá-los. Os tons e inflexões da voz devem variar, para fugir da monotonia, como ocorre até na prosa. E acrescentou:¹²

“As notas mais graves condizem com os pensamentos mais graves e pausados, as mais agudas com os mais impetuosos, com os mais ardentes; a desanimação e a melancolia querem tons baixos; a alegria, o entusiasmo, tons subidos; é espreitar minuciosamente a natureza, colhê-la e segui-la”. E mais adiante:

“A velocidade da recitação, variando-se calculadamente, contribui sobremodo para comover, persuadir e arrastar o ouvinte”.

“Neste particular a boa declamação só pode ser filha de um estudo prévio e profundo do trecho, que se pretende declamar; para direção eis aqui alguns princípios gerais: o que é raciocínio e meditação, requer morosidade; o que é extemporâneo, súbito e como que inspirado, exige rapidez; a melancolia é morosa; a jocosidade, o alvoroço, o entusiasmo, os afetos vivos, a ira, são tanto mais velozes quanto maior é a sua intensidade; a vingança costuma ser tardia nas suas concepções, como que hesita de passo a passo; a benevolência brota do instinto e corre caudalosa. O que se refere à velhice, à desgraça, ao outono e inverno, à noite e à morte, assume em geral o caráter do recolhimento: pelo contrário o que é da meninice e adolescência, dos folgares, da primavera e estilo, etc., arremessa-se com facilidade. As excursões do espírito pelas regiões do além mundo são constantemente precedidas da sonda, enquanto pelo tumulto da vida social, e delícias do viver cidadão, a alma se precipita como por terreno conhecido e declive”.

3.6 — Os Gestos

Os gestos abrangem o jogo fisionômico, o movimento das mãos e dos braços e, às vezes, o do próprio corpo. Compreendem, em seu conjunto, a mímica, complemento importante da comunicação.

Os gestos variam conforme o temperamento do orador e as circunstâncias da exposição. Antigamente, havia mais liberdade, neste particular, mas hoje a preferência é para os gestos comedidos.

De qualquer modo, os gestos completam a fala, conjugam-se com esta. Pois a mímica deve ser intencional: cumpre evitar a todo custo os gestos desordenados ou mecânicos e principalmente os cacoetes.

Note-se que, nos discursos lidos, só cabem os gestos com a mão direita, porque a esquerda deve ficar com o papel (regra que vale também quando o orador falar através de microfone).

12 — Apud Sousa da Silveira, ob. cit., págs. 163/4.

3.7 – Uso dos Meios Auxiliares

A exposição oral poderá ser enriquecida com meios auxiliares, tais como quadros, mapas e todo o moderno equipamento audiovisual. Pode-se também complementar o texto com a leitura e comentários de trechos de livros ou periódicos alusivos ao tema.

Cabe advertir que os meios auxiliares utilizados devem ser compatíveis com o tempo disponível para a dissertação. Do contrário, haverá desperdício de material e possível desinteresse dos ouvintes, diante de quadros e transparências que passam de relance, sem que lhes seja possível apreendê-los. Uma solução, no caso, será selecionar os pontos essenciais a serem apresentados através dos meios auxiliares, ficando o restante para incorporar-se à publicação, se houver. Tal expediente pode ser adotado em relação ao próprio texto, pois nada impede sejam omitidos na exposição alguns tópicos não fundamentais.

Vale frisar que a brevidade é a grande aliada do expositor, na conquista da simpatia do auditório. Cabe aqui a advertência feita por Clemenceau, certa vez, durante um discurso. Dizia ele: não me preocupo quando um ou outro ouvinte olha o relógio, denotando certa impaciência; mas sei que é hora de parar quando os ouvintes, além de olharem o relógio, o levam ao ouvido para ver se está parado . . .

4 – CONCLUSÃO

Em resumo, diremos que o discurso exige cuidadosa preparação, a fim de que nada fique sujeito aos azares da improvisação. Deve ele limitar-se ao tema, o qual, por sua vez, terá um objetivo claro e definido. Do tema se extraem algumas idéias básicas, distribuídas em tópicos a serem apresentados de forma precisa e convincente. O expositor pode desdobrar os tópicos em outros complementares, contanto que não se perca a correlação lógica entre eles.

Neste trabalho, ao tratarmos da exposição oral, levamos em conta apenas a exposição oral lida, mas frisamos que os princípios aduzidos para ela se aplicam também ao caso em que o orador queira valer-se exclusivamente da memória. Cabe advertir que, nesta hipótese, deverá haver maior cuidado no preparo do tema, para que o orador se sinta seguro perante o auditório. Se preferir, poderá ele ainda permear a leitura com tópicos desenvolvidos de memória, ou servir-se de notas ou quadros auxiliares. Enfim, dispõe o orador de várias maneiras para tornar mais proveitosa sua comunicação.

O discurso é a imagem viva do expositor. "Fala que te direi quem és": assim afirmou Gomes Penna, o que é variante de outra sentença de Ben Johnson: "A linguagem é aquilo que melhor nos revela: fala que eu te verei".¹³

Esperamos ter oferecido aos leitores noções básicas sobre a arte de escrever e de dizer, sem alimentar a pretensão de ter vencido todas as dificuldades, neste campo, onde às vezes até os doutos se perdem.

13 – Antônio Gomes Penna, Comunicação e Linguagem, pág. 130, Rio, Fundo de Cultura, 1970.